

A Guerra da Restauração através dos primeiros gêneros do jornalismo ibérico

The Portuguese Restoration War through
the first genres of Iberian journalism

La Guerra de la Restauración portuguesa
a través de los primeros géneros del periodismo ibérico

Eduardo Comerlato

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | educomerlato@hotmail.com

Antonio Hohlfeldt

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Resumo: Com um olhar retrospectivo, o artigo retorna ao século XVII para entender como o contexto da Guerra da Restauração foi propício para a proliferação dos primeiros gêneros do jornalismo da Península Ibérica. Desse modo, realizou-se uma contextualização dos formatos editoriais comuns na época, analisando materiais que efetivamente circularam em Portugal e na Espanha, através de aportes interpretativos e comparativos. Pode-se, enfim, imaginar como os habitantes dos reinos ibéricos se mantiveram informados durante os 28 anos de conflito, constituindo uma visão conjunta do cenário comunicacional nos dois países, uma perspectiva pouco abordada até agora.

Palavras-chave: história do jornalismo; Guerra da Restauração; imprensa ibérica; gêneros jornalísticos; comunicação.

Abstract: According with a retrospective point of view, with a retrospective look, this article goes back to the 17th century to understand how the context of the Portuguese Restoration War was conducive to the proliferation of the first genres of journalism in the Iberian Peninsula. In this way, a contextualization of the editorial formats common at the time was carried out, analyzing materials that effectively circulated in Portugal and Spain through interpretative and comparative contributions. Thus, we were able to imagine how the inhabitants of the Iberian kingdoms kept themselves informed during the 28 years of conflict, conceiving a joint vision of the communicational scene of the time.

Keywords: history of journalism; Portuguese Restoration War; Iberian press; journalistic genres; communication.

Resumen: Con una mirada retrospectiva, el artículo se remonta al siglo XVII para comprender cómo el contexto de la Guerra de la Restauración portuguesa fue propicio para la proliferación de los primeros géneros periodísticos en la Península Ibérica. De esta manera, se realizó una contextualización de los formatos editoriales comunes en la época, analizando materiales que efectivamente circularon en Portugal y España a través de aportes interpretativos y comparativos. Se puede, entonces, imaginar sobre cómo los habitantes de los reinos ibéricos se mantuvieron informados durante los 28 años de conflicto, constituyendo una visión conjunta del escenario comunicacional de la época.

Palabras clave: historia del periodismo; Guerra de Restauración portuguesa; prensa ibérica; géneros periodísticos; comunicación.

Ao longo de sua existência, o jornalismo foi responsável por narrar diversos conflitos que marcaram a memória coletiva das sociedades, produzindo sentidos e estruturando opiniões com as suas narrativas. Essa característica, no entanto, não é necessariamente uma novidade na prática; afinal, desde o tempo das *folhas-volantes*, primeiro gênero textual e editorial de caráter jornalístico, um dos assuntos mais recorrentes era justamente o relato de batalhas e conflitos ocorridos entre as tropas dos reinos europeus.

No caso da Península Ibérica, houve um conjunto de confrontos que ganhou notoriedade tanto nas antigas notícias avulsas, como também nos primeiros formatos periódicos do jornalismo, entre eles as *gazetas* e os *mercúrios*. Trata-se da Guerra da Restauração. O conflito, ocorrido entre 1640 e 1668, opôs a Coroa de Castela e o Reino de Portugal, após um golpe de Estado que restaurou a independência lusitana, dando um fim a uma dinastia que havia governado conjuntamente os dois países desde 1580. Com isso, iniciou-se uma onda de confrontos que se espalhou ao longo de 28 anos, caracterizados por batalhas em que Portugal lutava em eventuais disputas armadas contra as tropas espanholas para consolidar a restauração de sua autonomia.

Com um enorme peso na cronologia ibérica, a Guerra da Restauração é objeto recorrente no campo historiográfico, sendo tema de importantes estudos que visam esclarecer os entremeados de seus confrontos. O presente artigo, apesar de usufruir da temática, não é um destes, pois traz dois propósitos fundamentalmente distintos: (1) entender como o período foi propício para a manifestação dos primeiros gêneros jornalísticos da imprensa ibérica e (2) visualizar quais eram os estilos de narrativas factuais que circularam na época.

Do lado hispânico, a guerra rendeu numerosas *folhas-volantes*, que tratavam de exaltar os feitos das tropas do Reino de Castela. Do mesmo modo, para além das *relaciones de sucesos*, os embates também viriam a aparecer ao longo da fase inicial de um dos primeiros periódicos locais, a *Gazeta Nueva* (1661). Enquanto isso, as terras portuguesas também presenciaram um acréscimo na impressão de suas próprias *relações*, ao passo que outros dois importantes veículos periódicos igualmente surgiram para narrar os conflitos: a *Gazeta da Restauração* (1641) e o *Mercúrio Português* (1663).

A partir de revisão bibliográfica, este artigo irá primeiro contextualizar brevemente o cenário da Guerra da Restauração, para então constituir uma síntese dos formatos jornalísticos comuns na Europa do século XVII, que serão divididos entre as produções ocasionais e as periódicas. Com essa fundamentação, apresentaremos alguns exemplos de notícias do período, em uma análise empírica comparativa que busca interpretar as características narrativas e as estratégias editoriais das impressões. Constituindo uma visão conjunta do cenário comunicacional ibérico, perspectiva pouco abordada, quer-se imaginar como os diferentes povos da península se informaram através dessas publicações, que fundamentalmente contribuíram para a popularização de gêneros jornalísticos precursores, muito embora eles também tenham sido usados como instrumento político e propagandístico para mobilizar as comunidades locais durante o contexto de guerra.

O cenário ibérico no século XVII

Em 4 de agosto de 1578, Portugal teve a sua realidade política estremecida diante de uma crise de sucessão em seu trono, originada após a morte precoce de Sebastião I, aos

24 anos. Depois de dois anos de incerteza, caracterizados por negociações internas e uma curta governança de Henrique I, o país lusitano viu a Casa de Bragança chegar a um acordo com Filipe II, então monarca da Espanha e primo de importantes figuras da realeza portuguesa, entre elas a Duquesa Catarina de Bragança e o próprio Henrique I, que desistiram de suas pretensões ao trono vacante. Assim, em 1580, o governante espanhol agregou Portugal ao Reino de Castela, dando início a um regime de monarquia dualista que comandaria a União Ibérica durante 60 anos, sob os mandatos consecutivos de Filipe II, Filipe III e Filipe IV, todos de origem espanhola.

Após um longo período de descontentamento com as imposições castelhanas, no qual Portugal “via-se amarrado a uma política contrária aos seus interesses” (VALLADARES, 2006, p. 35), foi em 1º de dezembro de 1640 que a Casa de Bragança, apoiada pela aristocracia portuguesa, se mobilizou e aplicou um golpe de Estado que visava restaurar a independência de Portugal, aclamando a liderança do Duque de Bragança, agora intitulado Rei D. João IV. Essa rebelião, com efeito, significou “a mais grave perda territorial e humana de todas as que ocorreram à monarquia hispânica durante o século XVII” (HERNÁNDEZ; REBOLLO, 2008, p. 143, tradução nossa), a qual se tornou viável diante de iniciativas e esforços lusitanos:

Assim que foi instaurado, o regime português independentista, saído da Restauração, logo procedeu à consolidação da sua posição. Para tal, procurou organizar administrativa, econômica e militarmente o Reino, bem como desenvolver alianças com os principais inimigos da Espanha (França, Holanda, Suécia, Grã-Bretanha, etc.), de forma a ter, em caso de necessidade, apoios. Ao mesmo tempo, o novo regime iniciou várias ofensivas diplomáticas para legitimar o novo ocupante do trono, D. João IV (TEIXEIRA, 2013, p. 6-7).

A faixa cronológica que compreende a Guerra da Restauração se inicia com o golpe de 1640 e se encerra em 1668, com o tratado de Lisboa, que foi assinado por Afonso VI, de Portugal, e Carlos II, de Espanha, para definir de maneira definitiva a independência portuguesa. Esse longo período de 28 anos, no entanto, deixou marcas e fomentou uma rixa entre os reinos da Península Ibérica, que passariam a se enfrentar em batalhas concentradas principalmente nas regiões fronteiriças, configurando, assim, o que é considerado o mais prolongado conflito militar da história de Portugal. Enquanto os anos iniciais da guerra foram caracterizados basicamente por pequenos enfrentamentos e escaramuças, Valladares (2006, p. 257) considera que os principais confrontos, de fato, ocorreram em Montijo (1644), Olivença (1657), Elvas (1659), Estremoz (1663), Castelo Rodrigo (1664) e Vila Viçosa (1665), localidades próximas aos quartéis-gerais de Elvas e Badajoz.

De um lado, entende-se que os lusitanos empregaram todas as suas forças econômicas, políticas, militares e comunicacionais para fortalecer e garantir a sua independência, que estava muito baseada em um renascente sentimento nacionalista. De outro, entende-se que diversos esforços também foram promovidos pelos castelhanos, embora em uma intensidade que não aparentava ser equivalente. Uma das explicações para isso pode ser vista no fato de que, durante aquele período, a Espanha estava envolvida em outras

empreitadas sociopolíticas, como a Guerra dos Trinta Anos. Ademais, havia outros fatores, inclusive crises relacionadas à administração das colônias na América, como o Brasil, que faziam a fidalguia portuguesa acreditar que o governo era incapaz de governar as duas potências conjuntamente:

De facto, quando rebentou o golpe de Estado que conduziu à Restauração da Independência, os espanhóis estavam a lutar em várias frentes: arrostavam a França; tinham de auxiliar os católicos Imperadores do Sacro-Imério nas guerras que estes travavam contra os protestantes e os franceses; eram obrigados a enfrentar as Províncias Unidas em terra e no mar; lidavam com uma tentativa independentista da Catalunha (também em 1640); e precisavam de afectar recursos financeiros e militares para manter não só os domínios ultramarinos mas também as possessões europeias de D. Filipe IV, designadamente no Norte da Itália e na Flandres (SOUSA, 2010, p. 5).

A despeito disso, não se nega que a Espanha se defendeu e revidou contra a restauração em “ofensivas reprimidas e demoradas” (TEIXEIRA, 2013, p. 22), que foram mais recorrentes a partir da década de 1650, quando Portugal já estava sob o comando de D. Afonso VI. Esses fatores possibilitaram um cenário único na Península Ibérica, o que veio a aumentar a demanda comunicacional diante do fato de que os dois lados desejavam narrar os feitos heroicos de suas respectivas tropas. Entre os objetivos, destacava-se a busca por unir os seus habitantes em uma nascente esfera pública, o que foi possível graças ao aumento populacional das regiões urbanas e de determinadas classes sociais, sobretudo a burguesia. Como veremos, essas características permitiram o alvorecer dos primeiros gêneros do jornalismo moderno nas duas nações.

Formatos noticiosos da Idade Moderna

Quando a Guerra da Restauração eclodiu na Península Ibérica, os europeus já conviviam há quase dois séculos com um dos gêneros textuais precursores da história noticiosa do continente: as *folhas-volantes*, assim chamadas pois circulavam através de papéis avulsos. Considera-se que, na década de 1470, determinadas cidades italianas, como Veneza, Bolonha e Gênova, já contavam com as suas próprias publicações neste formato, tratando de temas como as navegações europeias, a queda de Constantinopla e os avanços dos turcos otomanos pelo Mediterrâneo (SOUSA, 2007, p. 43). No princípio, esses relatos eram produzidos de maneira manuscrita, mas eles atingiram maior popularidade em seu formato impresso, com o advento da prensa de Gutenberg, nos séculos XV e XVI.

Diante da possibilidade de produzir tiragens mais numerosas, o formato passou a se caracterizar por impressões usualmente realizadas na dimensão *in-quarto* (aproximadamente 13,5 x 19 cm) e por sua essência – isto é, eram produções sem qualquer tipo de periodicidade. Com tais singularidades, essas brochuras, que muitas vezes se pareciam com um livro, devido à presença de um frontispício, se tornaram um fenômeno que se estendeu aos outros países europeus, ganhando diferentes denominações de acordo com a região¹.

¹ Por exemplo: *Avvisi* (Itália); *news pamphlets* (Inglaterra); *occasionnels* (França); *Neue Zeitungen* (Alemanha).

Na Península Ibérica, a Espanha presenciou a popularização de suas próprias *relaciones de sucesos* (*relações de acontecimentos*, em português) a partir dos anos finais do século XV. Enquanto isso, em Portugal, observa-se que foi apenas nas proximidades de 1550 que houve o surgimento dos primeiros panfletos noticiosos, também chamados de *relações*, justamente pelo fato de que circulavam para *relatar acontecimentos*. Em ambos os países, havia um evidente destaque para as narrativas sobre as Grandes Navegações e suas terras conquistadas, além de outras novidades pontuais, como batalhas, celebrações religiosas, assuntos políticos, cataclismas e fatos extraordinários.

Manifestando-se como a “principal novidade trazida pelo Renascimento ao jornalismo” (SOUSA, 2007, p. 41-42), as *folhas-volantes* viriam a apresentar dois formatos textuais populares naquela época. O primeiro deles consistia em publicações monotemáticas, ou seja, que se limitavam a narrar somente um acontecimento por publicação, geralmente com narrativas cronológicas repletas de detalhes, fios interpretativos e uma que extensão que podia variar de quatro até mais de uma centena de páginas. No título, comumente estampavam o termo *relação* ou *relación*, seguido de palavras que resumiam o evento em questão. Já o outro formato recorrente nas *folhas-volantes* era o dos *avisos*, caracterizado por uma essência pluritemática que oferecia, a cada impressão, uma compilação de notícias curtas e que podiam ser provenientes de diferentes áreas geográficas. Além do uso dos termos *avisos* ou *relación de avisos* em seus títulos, eles diferenciavam-se dos extensos fios narrativos das *relaciones* por apresentarem relatos puros e breves, geralmente com apenas um parágrafo destinado para cada notícia, o que então permitia incluir diversos fatos em uma só publicação.

Com uma produção amadora, as *folhas-volantes* eram vendidas em feiras urbanas, oficinas e bancas posicionadas em locais movimentados das cidades, como destaca Tengarrinha (2013, p. 41). O consumo dos relatos, por sua vez, seguia os padrões culturais da Idade Moderna, época em que duas formas de leitura coexistiam: as leituras silenciosas e individuais, que apesar de serem comuns em mosteiros e ambientes universitários, figuravam enquanto um fenômeno que ainda não havia se espalhado completamente para outros espaços sociais; e as leituras compartilhadas e públicas (CHARTIER, 1994), que se tornaram populares com os panfletos circulando de mão em mão e lidos em voz alta em círculos sociais, o que permitia atingir até mesmo o grande número de analfabetos do período. Em Portugal, por exemplo, estima-se que eles representavam surpreendentes 90% da população do século XVII (DIAS, 2006, p. 42).

De qualquer modo, as *folhas-volantes* tiveram um bom acolhimento por parte da sociedade e foram responsáveis por preparar o *mercado da informação*, ao demonstrar que “as pessoas necessitavam e estavam ávidas de notícias regulares” (SOUSA, 2007, p. 48). Essa popularidade fez com que o formato tivesse uma extensa duração no cenário sociocultural da Europa, prolongando-se até as cercanias do século XIX. Isso significa, portanto, que o gênero conviveu e coexistiu com os primeiros veículos periódicos, que, para além dos almanaques de entretenimento anuais, começaram a aparecer principalmente através das *gazetas* e dos *mercúrios*.

Para Tengarrinha (2013, p. 47-48), o advento da periodicidade pode ser explicado através dos seguintes fatores:

A necessidade de uma transmissão mais fluida e regular da informação, como resultado das novas dinâmicas econômicas e culturais das sociedades; o crescente interesse do público pela notícia que lhe permitisse um conhecimento mais seguro da realidade [...]; o progresso da tipografia [...], dando condições para uma produção mais rápida e em maior quantidade; a melhoria das comunicações, permitindo, ao mesmo tempo, uma transmissão mais célere das notícias e uma maior rapidez no envio das publicações; e o aumento da concentração urbana.

O modelo das *gazetas*, cujo termo remete aos primórdios do comércio noticioso em Veneza, onde, no século XV, havia uma moeda de mesmo nome usada para comprar as *novas* (DIAS, 2006, p. 28), tornou-se popular principalmente com a publicação de *La Gazette*, de Théophraste Renaudot, em 1631. Com periodicidade semanal, esse veículo impulsionou o modelo noticioso francês, que estabeleceria o padrão de muitas outras *gazetas*, formando uma verdadeira enxurrada do gênero em toda a Europa (ESPEJO, 2013, p. 73), inclusive na Espanha e em Portugal. Enquanto isso, o outro formato periódico que também tomaria forma no início da Idade Moderna surgiu através dos *mercúrios*, uma designação adotada “por publicações de vários países europeus, como Holanda, Alemanha, França, onde se tornou um título comum” (TENGARRINHA, 2013, p. 60). O nome faz referência ao deus Mercúrio, considerado o deus do comércio e que, segundo a mitologia romana, era encarregado de levar mensagens entre as divindades, sendo assim frequentemente associado a contextos comunicacionais.

Tengarrinha (2013, p. 60) considera que muitos dos *mercúrios* europeus, entre eles o *Mercure Français* (1611), eram distintos das *gazetas*, “podendo dizer-se que aqueles estavam para estas como as revistas estão para os jornais, na atualidade”. De fato, isso se mostrou verdadeiro em muitas conjunturas, principalmente quando levamos em conta os veículos franceses, que se pareciam com revistas modernas diante de suas resenhas literárias, abordagens culturais e outras singularidades. No entanto, isso não se tornou necessariamente uma máxima dos *mercúrios*, não havendo um modelo estrito. Afinal, como veremos, o *Mercúrio Português*, por exemplo, era bastante similar às outras *gazetas* em termos gráficos e de conteúdo, diferenciando-se do outro periódico local, a *Gazeta da Restauração*, basicamente pela estampa do termo em seu título.

Diante disso, fica claro que o jornalismo do século XVII, ainda que com uma produção “artesanal” caracterizada por envolver poucos indivíduos (SOUSA, 2021, p. 11), tinha diferentes formatos que coexistiam harmoniosamente, dividindo-se entre gêneros que podiam ser ocasionais ou periódicos, mono ou pluritemáticos. Para exemplificar esses modelos noticiosos da Idade Moderna, trataremos, agora, algumas mídias que foram responsáveis por narrar os conflitos da restauração portuguesa ao longo de seus 28 anos.

As narrativas avulsas da restauração

Em nossa análise empírica, trataremos de visualizar a comunicação como uma potência capaz de unir os povos em torno de uma causa. Assim, nosso raciocínio irá se beneficiar de um enfoque comparativo (HOHLFELDT, 2020), buscando padrões e regularidades

nos textos que circularam nos dois países durante a Guerra da Restauração, justamente para visualizar o cenário comunicacional da Península Ibérica de maneira conjunta. Ademais, também nos beneficiaremos dos aportes interpretativos trabalhados por Chartier (1994) e Darnton (2010) na história do livro e da leitura, procurando imaginar a forma pela qual os ibéricos se informaram sobre a Restauração e como acontecia a produção, a circulação e a recepção dos textos. Isso implicará em reconstruir os possíveis sentidos emanados, através do ato da leitura, na época em que os materiais empíricos foram publicados. Sendo assim, começaremos a análise pelas notícias de cunho ocasional.

Do lado lusitano, Tengarrinha (2013, p. 53) estima que cerca de 285 *folhas-volantes* circularam em Portugal ao longo daqueles 28 anos. Nessas *relações*, era possível notar um intuito sociopolítico bastante evidente:

Eram folhas breves, de circulação mais fácil e que podiam aparecer rapidamente, pois não sujeitas à periodicidade, sendo assim mais eficazes na dura batalha que então se travava, também no campo da informação, entre portugueses e castelhanos. A maioria destinava-se a relatar os acontecimentos políticos e militares de maneira favorável às armas portuguesas, muitas vezes de forma exagerada, também não escondendo desconfiança para com a aristocracia portuguesa, que em parte continuava a apoiar Castela. Muitas eram redigidas em espanhol, não só por ser então língua corrente em Portugal, mas também porque desta maneira poderiam mais facilmente atingir os círculos estrangeiros (TENGARRINHA, 2013, p. 54).

Para o autor, há uma publicação que pode ser considerada uma das primeiras reportagens do período: a *Relação de tudo o que passou na felice aclamação do mui alto & mui poderoso Rey Dom João o IV, nosso senhor, cuja monarquia prospere Deos por largos anos*, folheto avulso, impresso no formato *in-quarto*, que narra as celebrações portuguesas diante do momento da restauração da independência. Com 32 páginas, ele foi escrito por Nicolau da Maia de Azevedo e impresso, em outubro de 1641, na oficina de Lourenço de Anveres, em Lisboa. Além de mencionar e exaltar os fidalgos e nobres que contribuíram para o movimento, o texto descreve minuciosamente a alegria do povo luso diante da conquista:

Logo, entrando violentamente pelos ouvidos de todos, se derramaram pela Cidade os rumores das armas & os ecos desta felice aclamação [...]. Aqui, não somente unidos os corações, mas reduzidos os anseios de todos a um sonoro accento, voou pelos ares huma voz articulada por infinitas bocas, a qual publicou a toda a cidade, a todo o Reyno, & a todo o mundo, a maravilhosa restauração de Portugal (RELAÇÃO DE TUDO..., 1641, p. 26-27).

Nesse período inicial da Guerra da Restauração, outras *relações* seriam publicadas para reportar o exato momento da independência. Uma delas, por sinal, circulou tratando sobre como a notícia repercutiu no Brasil. Na *Relação da aclamação que se fez na Capitania do Rio de Janeiro do Estado do Brasil, & nas mais do Sul, ao Senhor Rey Dom João o IV, por verdadeiro Rey, & Senhor do seu Reyno de Portugal, com a felicíssima restituição, que dele se fez*

a sua Majestade que Deus guarde, temos um folheto no formato *in-quarto* que foi impresso em Lisboa, por Jorge Rodrigues, nos princípios de 1641. Noticiando a chegada da nova em terras tupiniquins, o autor Domingo Álvares detalha, ao longo de oito páginas, as reações das autoridades coloniais, incluindo os padres e os governadores das capitâneas da Bahia e do Rio de Janeiro, que prontamente fizeram um juramento de lealdade aos serviços do novo rei. Nota-se, através da narrativa, que essas pessoas figuravam praticamente como “celebridades” da época, mostrando-nos um valor-notícia do jornalismo que, assim como muitos outros, é atemporal (SOUSA, 2007, p. 90).

Depois das notícias de aclamação, os anos seguintes ficaram conhecidos por receber diversos relatos portugueses sobre as batalhas travadas contra as tropas castelhanas. Ainda em 1641, a conhecida *Relação do felice successo e milagrosa vitória que houve o Capitão Luis Mendes de Vasconcelos, contra o inimigo Castelhana, no termo da cidade de Elvas em 30 de julho 1641* foi publicada em Lisboa, por Manoel da Silva. A narrativa é capaz de transportar os leitores ao campo de batalha, com descrições detalhadas e epopeicas sobre a derrota imposta aos inimigos castelhanos. Algo similar pode ser observado em outro relato publicado naquele mesmo ano, em Lisboa, pelo livreiro Jorge Rodrigues: a *Relação da entrada que o Mestre de Campo Dom Francisco de Souza fez na Villa de Valença de Bomboy em sábado três de Agosto deste prezente anno de 1641*. Trata-se de uma narrativa escrita pelo cavaleiro Rui de Figueiredo de Alarcão para retratar as ações da tropa e a liderança de Dom Francisco de Souza, que “com a espada na mão diante do Exército, animando os soldados invisio as trincheiras, que no primeiro encontro ganhou & juntamente a vila, matando dos inimigos mais de cento & cinquenta” (RELAÇÃO DA ENTRADA..., 1641, p. 5). Impressa em 23 de agosto de 1641, apenas 20 dias após o acontecimento, um período bastante curto para os padrões da época, a relação promove, em seus parágrafos finais, um balanço da investida portuguesa em Valencia del Mombuey:

E saqueada a Villa lhe mandou o Mestre de Campo por o fogo de maneira que só os Templos ficarão em pé, tratandoo sempre com a reverência devida. O trigo, gados e muitas outras cousas, de que se aproveitarão os Soldados, & moradores das fronteiras com a mais perda, que o inimigo recebeu, se estimarão em mais de cinquenta mil cruzados. Com essa vitória, se recolheu o Mestre de Campo à Moura sem aver perdido nenhum Soldado, nem lhe averem ferido, avendose rendido a dita praça em espaço de seis horas: cousa digna de grande admiração, no que se deixa ver claramente a Misericórdia, de que Deus Senhor nosso uza com este seu amado Reyno de Portugal (RELAÇÃO DA ENTRADA..., 1641, p. 6).

No ano seguinte, em março de 1642, houve a publicação da *Relação verdadeira da entrada, que o exército castelhano fez nos campos, & olivares da cidade d’Elvas, & de como o General Martim Affonso de Mello o fez retirar, & os nossos saquearam a Villar del Rey*, impressa por Lourenço de Queirós, na oficina de Domingos Lopez Rosa, em Lisboa. Essa notícia se inicia contando que “muitos dias avia que o inimigo Castelhana não campeava com sua cavalaria, nem fazia as entradas que costumava pelas fronteiras de Alentejo, porque em todas foi rebatido com grande dano seu, & glória das armas Portuguezas” (RELAÇÃO

VERDADEIRA DA ENTRADA..., 1642, p. 1). Nas páginas seguintes, destaca os esforços do general Martim Affonso de Mello, que impediu um ataque dos espanhóis nas proximidades de Badajoz e protegeu o território em questão.

Os constantes ataques e confrontos, todavia, não ficariam limitados aos campos de batalha, uma vez que se criaria também uma verdadeira *guerra comunicacional* entre os dois povos. Um exemplo disso pode ser visto na repercussão da batalha de Montijo, ocorrida em 26 de maio de 1644, “da qual ambos os lados reivindicaram a vitória, algo que ainda permanece na historiografia hispânica e portuguesa” (HERNÁNDEZ; REBOLLO, 2008 p. 142, tradução nossa). Em Portugal, pelo menos duas *folhas-volantes* surgiram para narrar o fato: a *Relação da entrada que fez o governador das Armas Mathias de Albuquerque em Castela, e sucesso da batalha que os Exércitos Português e Castelhana governados pelos Generais Mathias de Albuquerque e Barão de Mollingen tiveram em quinta feira de Corpus [Christi] do dia até às quatro da tarde nos campos do Montijo em 26 de Maio de 1644*; e a *Relação dos gloriosos sucessos, que as armas de Sua Magestade El Rey D. João IV. N. S. tiveram nas terras de Castella, neste ano de 1644 até a memorável Victoria de Montijo* – esta última redigida por António Pais Viegas e impressa, em Lisboa, na oficina de Antonio Alvarez. Como o próprio título demonstra, essa publicação *in-quarto*, com 32 páginas, trata de exaltar os gloriosos acontecimentos que o Exército português desempenhou em Montijo, assumindo a vitória nacional em tal batalha.

Simultaneamente, porém, algumas *relaciones* de origem espanhola circularam garantindo que a vitória havia sido do Reino de Castela. Como exemplo, temos a *Relación verdadera de lo que sucedió en veinte y seis de Mayo pasado, en el reencuentro que tuvieron las armas de su Magestad con las del Rebelde Português en la campaña del Montijo de 1644*, que foi impressa em Madri, no mesmo ano do acontecimento, trazendo muitas características em comum com as *relações* portuguesas.

Esse conflito de informação causou certa indignação por parte dos portugueses, entre eles o Capitão Luís Marinho de Azevedo, que então escreveu a *Apologia militar en defensa de la victoria de Montijo contra las relaciones de Castilla, y gazeta de Genoba, que la calumniaron mordaces, y la usurpan maliciosas*, uma *folha-volante* publicada em Lisboa, no ano de 1644, na oficina de Lourenço de Anveres. Trazendo as características tradicionais do gênero, essa *relação* tinha um objetivo de circulação claro: desmentir as publicações espanholas que clamavam a vitória de suas tropas em Montijo. Assim, depois de se iniciar enunciando que “no hay cosa en el mundo mas poderosa que la verdad” (APOLOGIA MILITAR..., 1644, p.1), ela passa a argumentar sobre a vitória do lado português, optando pelo idioma espanhol provavelmente para promover uma maior circulação em toda a península.

Desse modo, as oficinas de Portugal realizaram inúmeras impressões ocasionais sobre os embates da restauração, informando e envolvendo o povo lusitano diante de um sentimento nacionalista. O último exemplar de que se tem conhecimento no formato, segundo Tengarrinha (2013, p. 54), é o panfleto intitulado *Voto del Conde Rebolledo Natural de Leon sobre las Treguas de Portugal*, impresso por Diego Soares de Bullones, em Lisboa, no ano de 1667.

Enquanto isso, o lado espanhol também recebeu um acréscimo na produção de suas *relaciones de sucesos*, com notícias avulsas que viriam a aparecer principalmente a partir da

década de 1650. Uma delas é a *Relación de la famosa vitória que han tenido las Armas de su Magestad (que Dios guarde) que estan a cargo del excelentissimo señor Don Francisco de Torauila Duque de Sangerman, Governador del exercito de Extremadura, en la recuperacion dela fuerte villa de Olivença, que tenia tyranizada las Armas del Rebelde de Portugal. Sucedida a 30 de Mayo deste año de 1657. Y assimismo se refieren las rotas que ha recebido el Exercito del Rebelde sobre las Plaças de Badajoz, y Valencia de Alcantara*. Trata-se de detalhada narrativa que nos conta sobre as investidas espanholas para retomar o forte de Olivença:

Finalmente Manuel de Saldaña salió rendido de Olivença con 2000 infantes, y 80 caballos de su guarnición, el jueves 31 de mayo, dia del Corpus Christi, a las 8 de la mañana, fatal para aquel Reyno, por la pérdida de su gente en la batalla del Montijo, y prisión deste Gobernador después de 46 días de sitio, habiendo estado Olivença en poder del Rebelde desde 30 de noviembre del año passado de 1640 hasta 30 de mayo deste presente 1657 (RELACIÓN DE LA FAMOSA..., 1657, p. 8).

Essa relação foi concebida na oficina de Juan Gómez de Blas, impressor-mor de Sevilha que produziu nada menos que 25 *relaciones de sucesos* durante a Guerra da Restauração (CASAS DELGADO; GONZÁLEZ FANDOS; GUTIÉRREZ JIMÉNEZ, 2015, p. 336). Praticamente todas apresentavam, em comum, as características tradicionais do gênero, como o caráter monotemático, o formato *in-quarto* com traços de livro, a tipografia gótica, o uso de uma coluna de texto e um claro apoio ao lado espanhol. Além do exemplo mencionado, o impressor também publicou a *Relación verdadera de la entrada que hizieron en Portugal quatrocentos cavallos, gobernados por el Comissario general de Ybarra, y de la grandiosa presa de ganado que se trajeron: y como saliendo a quitar la dicha presa setecientos caballos del enemigo, fueron desbaratados, presos y muertos muchos dellos*, de 1649. Esta aborda, com orgulho, os feitos do quartel de D. Gregório de Ybarra, que saiu de Jerez de los Caballeros e foi até a Villa de la Higuera para roubar gado e surpreender os *rebeldes* de Portugal. No final do texto, relata que a investida espanhola causo temor até mesmo nos “soldados mas alentados de la Ciudad de Coimbra, los quales fueron los que en la dicha refriega huyeron mas aceleradamente” (RELACIÓN VERDADERA DE LA ENTRADA..., 1649, p. 4).

Além de Sevilha, outras cidades que contaram com *folhas-volantes* de tema bélico foram Valência, Barcelona, Zaragoza e, principalmente, Madri. Além daquela já mencionada sobre a batalha em Montijo, outro exemplo surgido na capital hispânica, na oficina do impressor José Fernández de Buendía, é a *Relación verdadera de la segunda victoria, que han tenido las Armas de su Magestad Catolica (que Dios guarde) gobernadas por el Excelentissimo Señor Marques de Viana Virrey, y Capitan General del Reyno de Galicia, sobre el sitio de Monçon, contra el exercito Rebelde de Portugal, sucedido a 12 de Diziembre deste presente año de 1658, donde se da cuenta de los bastimentos, municiones, y pertrechos que le quitaron*, na qual o autor comemora a vitória contra os *rebeldes* de Portugal em Monção, no norte da península.

Do mesmo modo, a *Relacion verdadera y segundo Diario de la feliz vitoria que han tenido las Catolicas Armas de su Magestad (que Dios guarde) contra el rebelde de Portugal, gobernadas, y asistidas por el serenissimo señor Don Juan de Austria, en el sitio, y toma de Jurumeña* foi outra

reportagem impressa em Madri, por Francisco Nieto, e narra diversas investidas feitas pelos espanhóis entre 17 de maio e 12 de junho de 1662:

Sábado, 27, salieron ciento y cinquenta cavallos nuestros denoche, la vuelta de Villaviciosa, y se encontraron con ducientos del enemigo antes de amanecer, y tocando al arma y las trompetas a degollar, ellos juzgaron era nuestra cavalleria, que la tienen razonable miedo, se pusieron en huyda. Estos venian comboyando un Teniente de Mestre de Campo General Frances, grandissimo ingeniero, que venia a reconocer nuestra linea y su Plaça de Armas, donde se han de aquartelar los rebeldes, que se le hizo prisioneiro con outros seis o siete, el qual lo queda en el quartel de Don Diego Cavallero (RELACIÓN VERDADERA Y SEGUNDO DIARIO..., 1662, p. 2).

Após o relato de diferentes batalhas ocorridas, em uma estratégia editorial que se parece com os *avisos*, embora utilize o termo *relación* em seu título, o autor anônimo destina um parágrafo para descrever a aclamação feita ao monarca de Castela durante a celebração da vitória final em Juromenha, fato que o fez dizer que os espanhóis foram sortudos e que os *rebeldes portugueses* ficariam os dias seguintes “reparando las ruynas que ha hecho nuestra artilleria y bombas” (RELACIÓN VERDADERA Y SEGUNDO DIARIO..., 1662, p. 4). A tomada de Juromenha, por sinal, também foi um acontecimento que ganhou outras narrativas epopeicas, entre elas a *Sucinta relación del rendimiento de la Villa, y Castillo de Iurumeña, a la obediencia de su magestad (que Dios guarde) sucedido viernes nueve de junio de este año de 1662*, impressa por Juan Gómez de Blas, em Sevilha, naquele mesmo ano.

Nos dias de hoje, muitas pesquisas consideram que “a cruzada castelhana contra a separação de Portugal não moveu *rios de tinta*” (CASAS DELGADO; GONZÁLEZ FANDOS; GUTIÉRREZ JIMÉNEZ, 2015, p. 336, tradução nossa), argumentando que a Espanha, por estar envolvida em outras disputas, teve uma produção mais tímida no campo das *folhas-volantes* sobre a Restauração, quando comparada ao lado português, que dedicava todas as suas forças para consagrar a própria independência. Apesar de, em parte, isso fazer sentido, é inegável que o gênero foi igualmente usado para inflamar o nacionalismo castelhano, circulando principalmente quando havia vitórias de Castela nas batalhas, o que também ocorreria em outro espaço comunicacional da época: os periódicos locais.

Os duelos através dos primeiros periódicos

Para além das *relações*, Portugal se manteve informado sobre a luta pela independência através do que é considerado o primeiro jornal periódico local, que surgiu, em dezembro de 1641, com o título *Gazeta em que se relatam as novas todas que houve nesta Corte e que vieram de várias partes no mês de novembro de 1641*. Hoje, a publicação é conhecida como *Gazeta da Restauração*, justamente pelo contexto de seu surgimento e pelo objetivo de relatar as novas dos conflitos, manifestando um conteúdo que, para Dias (2006, p. 24-25), deve ser “compreendido no quadro de uma ampla perspectiva política, militar e diplomática das estratégias nacionais desenvolvidas após o 1º de dezembro de 1640”.

Apresentando periodicidade mensal, ela tinha algumas similaridades gráficas com o formato das *folhas-volantes*, entre elas as dimensões *in-quarto* e uma paginação oscilante, geralmente entre oito e 16 páginas, além de ser comercializada por um preço que variava entre seis e 10 réis, um valor relativamente alto para a época (DIAS, 2006, p. 42). Em sua primeira edição, a *Gazeta* exibiu um frontispício com o brasão da Coroa lusitana e a sua devida licença de circulação, adquirida pelo proprietário, Manuel de Galhegos. A partir da segunda edição, perdeu a folha de rosto e passou a apresentar, na primeira página, o título ao lado do mês de suas informações. Trata-se, assim, de uma iniciativa privada que foi criada para “contrariar o efeito negativo dos boatos postos a circular pelos espanhóis sobre os seus êxitos nos confrontos armados” (TENGARRINHA, 2013, p. 49), trazendo mensalmente diversas notícias sobre os conflitos da Restauração, muito embora outros assuntos também fossem publicados, como novidades internacionais, econômicas, diplomáticas e celebrativas, voltando-se para um público composto principalmente por “comerciantes, homens de negócios e outros elementos instruídos da burguesia lisboeta e alguma aristocracia esclarecida” (DIAS, 2006, p. 42).

Em julho de 1642, devido à criação de uma lei que proibia a circulação de *gazetas* com notícias do Reino de Portugal, a *Gazeta da Restauração* interrompeu sua produção momentaneamente. Foi apenas em outubro do mesmo ano que o veículo retornou, agora incorporando o termo “De Novas Fora do Reyno” em seu título, uma vez que a lei contrária à publicação de notícias locais seguia em vigência, o que persistiu até a última edição, lançada em setembro de 1647². Apesar disso, algumas novas relacionadas ao movimento da Restauração continuaram a ser estampadas, pois eventualmente o veículo relatava a vitória de aliados portugueses (a França e os Países Baixos, por exemplo) ou as derrotas do Reino de Castela em suas demais empreitadas. Aos poucos, isso permitiu o aparecimento de notícias da Restauração nas edições finais, ainda que de maneira bastante tímida (SOUSA, 2011, p. 120).

Durante sua existência, a publicação alternou o local de impressão entre as oficinas de Lourenço de Anveres, Domingos Lopes Rosa e António Álvares, englobando também diferentes autores, que não costumavam ser identificados. Apesar disso, Dias (2006, p. 43) acredita que, entre os redatores, pode-se mencionar o próprio Manuel de Galhegos, o frei Francisco Brandão e João Franco Barreto.

Diferentemente das *folhas-volantes*, a *Gazeta* trazia textos mais breves, com o intuito de agrupar diferentes acontecimentos em cada publicação, possibilitando a pluralidade temática, ainda que os assuntos da independência sempre estivessem no centro de seus discursos. Logo na edição inicial, podemos ver como esse formato discursivo é aplicado prontamente na primeira notícia, que assim começa, sem trazer qualquer tipo de introdução:

Peleiou a armada de Olanda com uma esquadra da armada Real de Castela, em que vinhão muitas fragatas de Dunquerque: durou a pendência mais de vinte, & quatro horas; foise a pique hum galeão dos Castelhanos, & ficarão alguns destroçados, & todos com muita gente morta. O Olandez com

² Houve uma impressão feita em agosto de 1648, por Domingos Lopes Rosa, com o termo *Gazeta de Novas e Sucessos de Fora do Reyno*, o que faz Dias (2006) considerar que a *Gazeta* persistiu até aquele ano. Porém, Tengarrinha (2013) considera que a faixa de existência do veículo é apenas de 1641 a 1647.

algun dano se retirou a este porto, donde està aguardando que el Rey nosso Senhor lhe de socorro para sair otra vez a atemorizar os portos de Andaluzia (GAZETA DA RESTAURAÇÃO, 1641, p. 1).

Ao longo dessa mesma edição, o veículo daria os seus pareceres sobre os ocorridos bélicos do mês, de forma consecutiva e cronológica. A única subdivisão viria apenas na página 9, com o título de “Novas de fora do Reyno”, indicando que, a partir daquele parágrafo, passaria a tratar de assuntos estrangeiros – uma demarcação também presente nas edições seguintes. Para melhor exemplificar esse formato noticioso, temos aqui um recorte da *Gazeta do Mes de Mayo de 1642*, que, na primeira página, indica que o General Martim Affonso de Mello comandou diversas “tropas de gente sobre a Codiceira villa de Castella na qual entraraõ, & depois de fazerem recolher o inimigo com grandíssimo dano foraõ saqueando o lugar, & se poz fogo á maior parte delle” (GAZETA DA RESTAURAÇÃO, 1642, p. 1). Na sequência, informa brevemente que “os castelhanos fronteiros da província de Alentejo, não saem a campanha por falta de gente, & por estarem os mais dos cavallos no verde” (GAZETA DA RESTAURAÇÃO, 1642, p. 2), limitando o relato a isso.

Embora a vida social, religiosa e diplomática de Portugal também aparecesse em suas páginas, a *Gazeta da Restauração* tinha um nítido interesse em criar um bloco de opinião pública capaz de auxiliar na restauração da independência. Ainda por cima, ganhou méritos por “tornar periódica uma informação que até aí se apresentava de forma desconexa, confusa e irregular” (DIAS, 2006, p. 38). A *Gazeta*, assim, teve um papel importante não só na história política do país, como também na esfera cultural, abrindo espaço para que novos periódicos surgissem, entre eles o *Mercúrio Português*, criado por António de Sousa de Macedo. Este jornal circulou em Portugal entre janeiro de 1663 e dezembro de 1666, também com o claro objetivo de narrar os conflitos contra os castelhanos; tanto que, em suas primeiras edições, foi publicado com o nome *Mercúrio Português com as novas da guerra entre Portugal e Castella*.

Diante disso, Dias (2010, p. 45) considera que o veículo chegou a ser, “na sua essência, um tributo ao Soldado português, esse elemento anónimo que constitui o suporte cimeiro da portugalidade”. Sua periodicidade era mensal e o formato era bastante similar ao da *Gazeta da Restauração*, inclusive em suas dimensões, que também eram de *in-quarto*. No que diz respeito à sua extensão, ela podia variar entre oito e 32 páginas, com textos sequenciais que também não traziam muitas separações entre as notícias. Seu preço inicial era de 10 réis, mas logo mudou para o valor de 5 réis, ainda que muitas vezes isso fosse omitido. Do mesmo modo, em muitas edições não consta o nome do livreiro responsável pela impressão, embora se acredite ter sido feita por Henrique Valente de Oliveira, pelo menos entre 1663 e 1665.

Em sua primeira edição, o *Mercúrio Português* publicou um breve manifesto introdutório após o frontispício do opúsculo, mostrando que a Restauração seria assunto constante em suas páginas:

Saber os sucessos de outros Reynos, & Provincias, não he só curiosidade, mas necessidade aos Políticos; porque de mais do que se aprende pelos

exemplos (que sendo do mesmo tempo, são melhores Mestres). Este serviço puderaõ fazer ao bem commum os Castelhanos melhor que os Portugueses; porque os seus engenhos sempre se applicaraõ mais a escrever como os Portugueses só a obrar o que deu matéria aos scriptores mais insignes. [...] Para servir ao bem publico da Europa com novas certas da guerra entre Portugueses & Castelhanos (unica hoje entre Christaõs) se dispõem o Mercurio [...]. Dará cada mez uma relação, porém se ouver cousa digna de saberse antes, não tardará; porque a velocidade incansavell de suas asas não repara em fazer por todo o mundo quantas jornadas forem convenientes (MERCÚRIO PORTUGUES, 1663a, p. 1).

Em um estudo coordenado por Sousa e Lima (2012, p. 102), notou-se que o periódico apresentava um certo “desequilíbrio temático”, dado que 14% de suas matérias tratavam da “vida política, administrativa e diplomática”, enquanto outros incríveis 67% falavam da “vida militar e conflitos bélicos”. Essa ocorrência “sugere que a guerra pela restauração da independência, com tudo aquilo que significava, mobilizava efetivamente as atenções” do país, possivelmente buscando “granjear apoio público para o esforço de guerra. O desejo de exaltar os feitos dos portugueses, portanto, era evidente, o que, segundo Dias (2022, p. 20), configurou o *Mercúrio* não somente como um “utensílio patriótico e um órgão de propaganda obediente ao governo de D. Afonso VI”, mas também como um “espectador atento do contexto político-militar europeu transmitido pelas gazetas e mercúrios espanhóis, holandeses, italianos e franceses”, mostrando-se capaz de “contrapor as publicações oponentes num verdadeiro panorama de guerra da informação/contrainformação”.

Neste trecho, retirado da edição de março, vemos essas características exemplificadas através do relato de um confronto ocorrido na região noroeste de Portugal:

Na província de Entre Douro & Minho, o Mestre de Campo Governador do Forte de S. Luis dos Castelhanos, sahio com trezentos infantes & duas tropas de cavalos, a saquear hua aldeia de Villa Nova [...]; pelejou-se valorosamente, com muito sangue de parte a parte, ficando hum Cabo Portuguez com uma perna passada de duas balas, outro com duas cutiladas na cabeça. Morreu um Tenente Gallego, & alguns soldados da parte de Castella; mas finalmente o inimigo não entrou na aldeia, & se retirou fогindo vergonhosamente de número tão piqueno dos nossos, que o foraõ seguindo até junto do dito Forte de S. Luís, trazendo alguns prisioneiros (MERCÚRIO PORTUGUES, 1663b, p. 5).

A partir da terceira edição, o jornal passou a evidenciar novas características gráficas, como a indicação mensal no título (*Mercurio Portuguez com as novas do mês de março de 1663*, por exemplo). No quarto volume, o frontispício deixou de existir, fazendo com que, daí em diante, a primeira página já passasse a narrar os fatos, como ocorre em abril:

No princípio deste mez de abril de 1663, chegaraõ a esta Corte relações impressas em Castelhana, & gazetas em francês com a substância dellas, referindo haver entrado na cidade do Porto socorro de oito mil soldados

Ingleses. Haverem os Castelhanos por Galiza alcançado sobre Lapella grandes vitorias, em Alentejo hua muito notável de um exército Portuguez em 21 deste Janeiro passado sobre Jurumenha, & outras patranhas nunca imaginadas, & sem algum fundamento (MERCÚRIO PORTUGUES, 1663c, p. 1).

Essa citação demonstra muito bem como o contexto comunicacional do século XVII era complexo, inclusive com os gêneros jornalísticos interagindo entre si. Segundo Tengarrinha (2013) e Espejo (2013), era comum que os periódicos, como as *gazetas* e os *mercúrios*, se informassem através das *relações*, muitas vezes traduzindo trechos das *folhas-volantes* e colocando-os, de maneira resumida, em suas próprias notícias.

Isso também ocorria na Espanha, que viu, no período da Guerra da Restauração, o nascimento de um dos primeiros periódicos locais: a *Gazeta Nueva*, que foi publicada em janeiro de 1661 com o nome de *Relación o gaceta de algunos casos particulares, así políticos, como Militares, sucedidos en la mayor parte del Mundo, hasta fin de Diciembre de 1660* – o que igualmente reflete a pluralidade terminológica do período. De acordo com Núñez de Prado (2002), o periódico, que nos anos futuros ficaria conhecido como *Gazeta Nueva*³ e, posteriormente, como *Gaceta de Madrid*, foi concebido por Francisco Fabro Bremundán, que realizava as impressões na oficina de Julian de Paredes, em Madri.

Com periodicidade mensal, o veículo apresentava dimensões de *in-quarto*, com oito páginas, sem trazer frontispício em nenhuma de suas edições, assim parecendo-se, desde o início, mais com um jornal e menos com um livro. Inspirada no modelo francês das *gazetas* (CRUZ SEOANE; SAIZ, 2007, p. 27), a principal diferença discursiva para as *relaciones* estava na essência pluritemática e nos textos mais breves, que tratavam de notícias de cunho nacional, estrangeiro e militar, organizadas de acordo com o local de proveniência de cada informação. De acordo com Mera (2020, p. 107), a *Gazeta Nueva* surgiu por influência do filho do Rei Felipe IV, Juan José de Áustria, que foi governador da província de Flandres por um período. Apesar dessa ligação, considera-se que não se tratava, essencialmente, de uma empresa oficiosa ou com vínculos explícitos com a monarquia, pelo menos não durante a primeira fase do periódico, que teve uma vida curta, pois circulou apenas em 1661 e 1662.

Ao contrário dos veículos portugueses mencionados, não se pode assumir que a *Gazeta Nueva* foi criada especificamente para narrar e defender seu país no conflito da independência portuguesa. Entretanto, isso não significa que o tema não aparecesse em suas páginas. Na primeira edição, por exemplo, há breve menção ao fato de que o Exército espanhol estava sendo abastecido por tropas estrangeiras para incrementar sua frente contra os portugueses:

Los señores Don Gaspar de Bracamonte, Conde de Peñada, y Virrey de Nápoles, y el Duque de Sermoneta, Cavallero del Tufon de Oro, Gobernador del Estado de Milán, además de la gente de los Tercios viejos de Alemania, Nápoles, y Lombardía, que hasta ahora han remitido a España para servir en la guerra contra Portugal, en siete Galeras, las quatro de Nápoles, de que es General el señor Marques de Bayona, y las tres de Sicilia, del

³ Nessa época, era conhecida por *Gazeta nueva de los sucesos políticos y militares de la mayor parte de la Europa*.

señor Don Juanetín Doria; y en los seis Navíos de la Escuadra del Príncipe de Montesarchio, queda previniendo, de orden de su magestad, mayor número de Soldados, bastimentos y municiones para dicho efecto (GAZETA NUEVA, 1661a, p. 2).

Enquanto isso, na sexta edição, há uma editoria com o nome da região de Zafra que publica recados vindos diretamente da localidade espanhola, a qual presenciou diversas movimentações bélicas durante a guerra. O texto se inicia falando de uma visita realizada pelo Rei de Castela ao município em 21 de março. A partir daí, destina um parágrafo às preparações do Exército castelhano, que planejava sair da cidade para invadir Portugal:

Luego que su Alteza llegó a la villa de Zafra, mando hazer reseña de la infanteria, caballeria, artilleria, víveres, pertrechos, y municiones que se han prevenido para esta campaña, y se ha hallado ser cada cosa de por si tan numerosa, que excede los límites de la consideración humana. La caballería pasó muestra en la ciudad de Trujillo, y se han hallado 6300 cavallos, de los cuales tomó posesión Don Diego Caballero de Illescas, como General que es de dicha caballería. Y para hacer la entrada en el Reino de Portugal solo se aguarda que llegue a Badajoz la infantería, que para ese efecto está señalada. Y después de hecha la dicha reseña, quinientos caballos nuestros cogieron al enemigo quarenta acémilas de armas, y municiones, que iban de Yeles a Campo Mayor, sin pérdida de persona alguna (GAZETA NUEVA, 1661b, p. 4).

Desse modo, as menções aos conflitos costumavam ser breves na *Gazeta*, como também ocorre na edição de julho de 1661, em que se destina apenas um parágrafo para relatar “que el señor Conde de Peñaranda Virrey de Napoles, quedava recogiendo una suma grande de dinero, para remirila a España, para ayuda en la conquista de Portugal” (GAZETA NUEVA, 1661c, p. 4).

Em contrapartida, em setembro de 1662, o periódico reservou praticamente a edição inteira para falar dos conflitos da restauração, fazendo-o incorporar o nome provisório de *Gazeta Nueva de los sucesos militares que han sucedido en el Reino de Portugal por la parte de Ciudad-Rodrigo y Reino de Galicia este año de 1662*. Ao longo de oito páginas, há uma descrição detalhada dos conflitos contra o Exército de Bragança, dispondo de uma diegese narrativa que une os acontecimentos de determinado período e faz a *Gazeta* se parecer, por alguns instantes, com uma longa *relación de suceso*, que se encerra da seguinte maneira:

El exercito se quedó previniendo para volver a proseguir la marcha, y se pretende con todas veras llegar a las manos con el Enemigo, confiado en Dios, que ha de amparar la justa causa que el Rey nuestro Señor defiende, concediendo a sus Catholicas Armas felicísimos sucesos (GAZETA NUEVA, 1662, p. 8).

Embora o Exército espanhol estivesse encarando outras empreitadas, pode-se pensar como as noções de noticiabilidade fizeram com que uma edição inteira fosse dedicada

aos conflitos, que só viriam a se encerrar com a independência portuguesa, em 1668 – ano em que a *Gazeta Nueva* já não estava mais em circulação. O veículo retornaria apenas em 1677, quando assumiu novas alcunhas, entre elas a sua mais conhecida, a *Gaceta de Madrid*. Nessa nova fase, também produzida por Bremundán, então nomeado “gazeteiro maior do Reino” (MERA, 2020, p. 108, tradução nossa), consagrou-se como um importante meio para a vida cultural do país.

Conclusões da análise dos relatos da Restauração

A Guerra da Restauração foi um período movimentado para portugueses e espanhóis. Pensando em compreender os acontecimentos turbulentos de seus arredores, eles buscaram informações através dos primeiros gêneros jornalísticos da Península Ibérica, as *relações*, as *gazetas* e os *mercúrios*. Neste artigo, tratamos de contemplar uma *visão de conjunto* que pudesse abranger, ao mesmo tempo, os diferentes formatos noticiosos existentes e as suas manifestações, tanto em Portugal quanto na Espanha. Essa abordagem totalizadora configurou-se como a ideia central e o tema de distinção do texto, uma vez que a bibliografia já existente sobre o assunto costuma tratá-lo de maneira segmentada, usualmente se limitando a um dos dois países, a um dos formatos textuais ou a um dos periódicos em questão.

Comparando as matérias dos dois reinos, pode-se observar que os conflitos da Restauração foram assuntos recorrentes nas prensas tipográficas, com publicações bastante similares quando se trata de forma, conteúdo, enquadramento e estilo narrativo. A diferença, todavia, passa pelo fato de que as impressões se voltavam para exaltar as suas respectivas tropas em um tom panegírico. Além disso, o caráter das publicações de Portugal aparenta se diferenciar na medida em que os espanhóis são tratados como *verdadeiros inimigos*, os quais precisam ser derrotados, no campo das batalhas e das comunicações, para que a independência seja definitiva. Já nos materiais da Espanha, temos os portugueses caracterizados como *rebeldes* que exigem movimentos de defesa por parte de Castela, sendo mais um caso em meio a tantos outros conflitos vivenciados por suas tropas na época.

A fundamentação teórica e o ensaio analítico também permitiram destacar como os formatos estudados (ocasionais ou periódicos, mono ou pluritemáticos) foram capazes de coexistir e até mesmo de se complementarem na vida cotidiana do período: enquanto as *relações* buscavam esmiuçar determinados acontecimentos de maneira ocasional, parecendo-se com as reportagens da nossa atualidade, os periódicos traziam narrativas sucintas e pontuais no estilo breve das notícias. Diante do acréscimo na produção das *folhas-volantes* e do surgimento dos veículos mensais, também pode-se notar que a informação se tornava cada vez mais desejada por parte do público, que queria acompanhar os acontecimentos com maior proximidade e recorrência, o que possibilitou o advento da periodicidade.

Com um olhar contemporâneo para o passado, não se pode negar que muitas dessas empreitadas comunicacionais foram, de fato, jogadas estratégicas e panfletárias que, através de publicações propagandísticas com potenciais mentiras, exageros e sensacionalismo, buscavam o apoio do povo para os confrontos. Entretanto, essa constatação não invalida o peso informacional das notícias primitivas. Muito pelo contrário, a Guerra da Restauração

foi, dentro de uma perspectiva ibérica, um dos primeiros grandes eventos registrados por diferentes estilos textuais, colaborando efetivamente para o desenvolvimento do jornalismo de ambas as localidades de *maneira conjunta* – muito embora, naquela época, Portugal e Espanha se encontrassem de lados opostos e completamente divididos.

Referências

CASAS DELGADO, Inmaculada; GONZÁLEZ FANDOS, Pilar; GUTIÉRREZ JIMÉNEZ, M^a Eugenia. Ecos del movimiento de restauración de Portugal en las relaciones de sucesos hispano-lusas (1640-1668). In: GARCÍA LÓPEZ, Jorge; BOADAS CABARROCAS, Sònia (Eds.). *Las relaciones de sucesos en los cambios políticos y sociales de la Europa Moderna*. Barcelona: Bellaterra, 2015. p. 335-346.

CHARTIER, Roger. *Libros, lecturas y lectores en la Edad Moderna*. Madrid: Alianza, 1994.

CRUZ SEOANE, María; SAIZ, María Dolores. *Cuatro siglos de periodismo en España: de los avisos a los periódicos digitales*. Madrid: Alianza, 2007.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DIAS, Eurico José Gomes. Visões panorâmicas sobre a história da imprensa periódica portuguesa [1641-1820]. In: CABRERA, Ana; LIMA, Helena (Coords.). *Imprensa em Portugal: uma história*. Lisboa: Livros ICNOVA, 2022. p. 11-120.

_____. *Olhares sobre o Mercúrio Português [1663-1667]*. Transcrição e comentários. v. 1. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2010.

_____. *Gazetas da Restauração: uma revisão das estratégias diplomático-militares portuguesas*. Lisboa: Coleção Biblioteca Diplomática do MNE, 2006.

ESPEJO, Carmen. Gacetas y relaciones de sucesos en la segunda mitad del XVII: Una comparativa europea. In: CÁTEDRA GARCÍA, Pedro Manuel (Dir.); DÍAZ TENA, María Eugenia (Ed.). *Géneros editoriales y relaciones de sucesos en la Edad Moderna*. Salamanca: SEMYR, 2013. p. 71-88.

HERNÁNDEZ, Antonio José Rodríguez; REBOLLO, Patricia Rodríguez. Entre la guerra y la paz: la guerra de Restauración portuguesa en Extremadura y las negociaciones de paz con Portugal. In: PUENTE, Felipe Lorenzana de la; ASCACIBAR, Francisco J. Mateos (Coords.). *Iberismo. Las relaciones entre España y Portugal. Historia y tiempo actual y otros estudios sobre Extremadura*. Llerena: Sociedad Extremeña de Historia, 2008. p. 141-154.

HOHLFELDT, Antonio. O jornalismo português e espanhol em suas colônias: história comparada e metodologia de análise. In: BAPTISTA, Carla; SOUSA, Jorge Pedro (Orgs.). *Para uma história do jornalismo em Portugal*. Lisboa: ICNOVA, 2020. p. 443-452.

MERA, María Victoria Fernández. El recorrido histórico de la *Gaceta de Madrid*. *Documenta & Instrumenta*, Madrid, v. 18, p. 105-126, 2020.

NÚÑEZ DE PRADO, Sara. De la *Gaceta de Madrid* al *Boletín Oficial del Estado*. *Historia y Comunicación Social*, Madrid, n. 7, p. 147-160, 2002.

SOUSA, Jorge Pedro. *Portugal – Pequena história de um grande jornalismo I: da manufatura à indústria*. Lisboa: Livros ICNOVA, 2021.

_____. *A Gazeta da Restauração: primeiro periódico português. Uma análise do discurso*. Covilhã: LabCom, 2011.

_____. Relembrando o contexto histórico: 1644-1974. In: SOUSA, Jorge Pedro (Coord.). *O pensamento jornalístico português: das origens a abril de 1974*. Covilhã: LabCom, 2010. p. 4-56.

_____. (Coord.). *A gênese do jornalismo lusófono e as Relações de Manuel Severim de Faria (1626-1628)*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2007.

SOUSA, Jorge Pedro; LIMA, Maria Érica de Oliveira. Periódicos portugueses do século XVII: forma e conteúdo. *Revista Brasileira de História da Mídia*, Porto Alegre, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 95-103, jul./dez. 2012.

TEIXEIRA, Patrícia. Conjuntura nacional e internacional no século XVII (1640-1667). In: SOUSA, Jorge Pedro (Coord.). *Estudos sobre o Mercúrio Português (1663-1667): discurso e contexto*. Covilhã: LabCom, 2013. p. 5-104

TENGARRINHA, José. *Nova história da imprensa portuguesa: das origens a 1865*. Lisboa: Temas e Debates, 2013.

VALLADARES, Rafael. *A independência de Portugal: Guerra e Restauração, 1640-1680*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2006.

Publicações analisadas

APOLOGIA MILITAR en defensa de la victoria de Montijo contra las relaciones de Castilla, y gazeta de Genoba, que la calumniaron mordaces, y la usurpan maliciosas. Lisboa: Lourenço de Anveres, 1644.

GAZETA DA RESTAURAÇÃO (Gazeta em que se relatam as novas que houve nesta corte e que vieram de várias partes do mês de novembro de 1641). Lisboa: Lourenço de Anveres, 1641.

GAZETA DA RESTAURAÇÃO (Gazeta do mês de Mayo de 1642). Lisboa: Domingos Lopes Rosa, 1642.

GAZETA NUEVA (Relación o gaceta de algunos casos particulares, así políticos, como Militares, sucedidos en la mayor parte del Mundo, hasta fin de Diciembre de 1660). Madri: Julian de Paredes, 1661a.

GAZETA NUEVA de las cosas mas notables, asi políticas, como militares, sucedidas en la mayor parte de la Europa, desde mediado el mes de Abril de este año, de 1661, hasta parte de Mayo del mismo. Madri: Julian de Paredes, 1661b.

GAZETA NUEVA de los sucesos militares que han sucedido en el Reino de Portugal por la parte de Ciudad-Rodrigo y Reino de Galicia este año de 1662. Madri: Julian de Paredes, 1662.

MERCÚRIO PORTUGUES com as novas da guerra entre Portugal e Castela. Novas do mez de janeiro de 1663. Lisboa: Henrique Valente de Oliveira, 1663a.

MERCÚRIO PORTUGUES com as novas do mês de Março de 1663. Lisboa: Henrique Valente de Oliveira, 1663b.

MERCÚRIO PORTUGUES com as novas do mês de Abril de 1663. Lisboa: Henrique Valente de Oliveira, 1663c.

RELAÇÃO DA ACLAMAÇÃO que se fez na Capitania do Rio de Janeiro do Estado do Brasil, & nas mais do Sul, ao Senhor Rey Dom João o IV, por verdadeiro Rey, & Senhor do seu Reyno de Portugal, com a felicíssima restituição, que dele se fez a sua Majestade que Deus guarde. Lisboa: Jorge Rodrigues, 1641.

RELAÇÃO DA ENTRADA que o Mestre de Campo Dom Francisco de Souza fez na Villa de Valença de Bomboy em sábado três de Agosto deste presente anno de 1641. Lisboa: Jorge Rodrigues, 1641.

RELACIÓN DE LA FAMOSA vitória que han tenido las Armas de su Magestad (que Dios guarde) que estan a cargo del excelentissimo señor Don Francisco de Torauila Duque de Sangerman, Gouvernador del exercito de Extremadura, en la recuperación dela fuerte villa de Olinença, que tenia tyranizada las Armas del Rebelde de Portugal. Sucedida a 30 de Mayo deste año de 1657. Y assimismo se refieren las rotas que ha recebido el

Exercito del Rebelde sobre las Plaças de Badajoz, y Valencia de Alcantara. Sevilha: Juan Gómez de Blas, 1657.

RELAÇÃO DE TUDO o que passou na felice aclamação do mui alto & mui poderoso Rey Dom Joaõ o IV, nosso senhor, cuja monarquia prospere Deos por largos anos. Lisboa: Lourenço de Anveres, 1641.

RELAÇÃO DO FELICE sucesso e milagrosa vitória que houve o Capitão Luis Mendes de Vasconcelos, contra o inimigo Castelhana, no termo da cidade de Elvas em 30 de julho 1641. Lisboa: Manoel da Silva, 1641.

RELAÇÃO DOS GLORIOSOS sucessos, que as armas de Sua Magestade El Rey D. João IV. N. S. tiveram nas terras de Castella, neste ano de 1644 até a memorável Victoria de Montijo. Lisboa: Antonio Alvarez, 1644.

RELAÇÃO VERDADEIRA DA ENTRADA que o exército castelhano fez nos campos, & olivares da cidade d'Elvas, & de como o General Martim Affonso de Mello o fez retirar, & os nossos saquearam a Villar del Rey. Lisboa: Lourenço de Queirós, 1642.

RELACIÓN VERDADERA DE LA ENTRADA que hizieron en Portugal quatrocentos cavallos, governados por el Comissario general de Ybarra, y de la grandiosa presa de ganado que se trajeron: y como saliendo a quitar la dicha presa setecientos caballos del enemigo, fueron desbaratados, presos y muertos muchos dellos. Sevilha: Juan Gómez de Blas, 1649

RELACIÓN VERDADERA DE LA SEGUNDA VICTORIA, que han tenido las Armas de su Magestad Catolica (que Dios guarde) governadas por el Excelentissimo Señor Marques de Viana Virrey, y Capitan General del Reyno de Galicia, sobre el sitio de Monçon, contra el exercito Rebelde de Portugal, sucedido a 12 de Diziembre deste presente año de 1658, donde se da cuenta de los bastimentos, municiones, y pertrechos que le quitaron. Madri: José Fernández de Buendía, 1658.

RELACIÓN VERDADERA DE LO que sucedió en veinte y seis de Mayo pasado, en el reencuentro que tuvieron las armas de su Magestad con las del Rebelde Portugués en la campaña del Montijo de 1644. Madri: Francisco Neto, 1644.

RELACIÓN VERDADERA Y SEGUNDO DIARIO de la feliz vitoria que han tenido las Catolicas Armas de su Magestad (que Dios guarde) contra el rebelde de Portugal, governadas, y asistidas por el sere-nissimo señor Don Juan de Austria, en el sitio, y toma de Jurumeña foi outra reportagem im-pressa em Madri, por Francisco Nieto, e narra diversas investidas. Madri: Francisco Nieto, 1662.

SUCINTA RELACIÓN del rendimiento de la Villa, y Castillo de Iurumeña, a la obediencia de su magestad (que Dios guarde) sucedido viernes nueve de junio de este año de 1662. Sevilha: Juan Gómez de Blas, 1662.

VOTO DEL CONDE Rebolledo Natural de Leon sobre las Treguas de Portugal. Lisboa: Diego Soares de Bullones, 1667.

Eduardo Comerlato

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Possui graduação em Jornalismo pela PUCRS e mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Atualmente, participa do projeto de pesquisa “Possibilidades de uma História Conjunta do Jornalismo na América Latina”.

Antonio Hohlfeldt

Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Possui mestrado e doutorado em Linguística e Letras pela PUCRS. Em 2008, realizou estágio pós-doutoral na Universidade Fernando Pessoa (Portugal). É pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e coordena o projeto de pesquisa “Possibilidades de uma História Conjunta do Jornalismo na América Latina”.